



M V Bill 6
acrílica sobre tela, 2012
(100x100 cm)

Carta à mãe

Ou das formas do *amaternar*¹

Esta primeira parte do texto não é uma justificativa, e sim uma explicação. Considero uma grandiosa hipocrisia somente em maio abordarmos a maternidade, a figura e as funções maternas, normalmente reves-

tidas com enormes doses de ficção. O ser mãe está longe de qualquer traço festivo e não corresponde a apenas uma única data comemorativa no meio do ano. Consiste, na realidade, em uma lida cotidiana. É uma

[1] O texto que ora se apresenta foi publicado originalmente em duas partes, entre junho e julho de 2022, na coluna “À deriva”, da revista Ruído Manifesto. Agradeço à Isadora Costa pelo auxílio na coleta dos depoimentos e às mulheres que gentilmente cederam uma parte de suas experiências e memórias para a composição deste texto. Link para a revista: <https://ruidomanifesto.org/>

atividade ou um conjunto de responsabilidades que nos atravessa e parece não ter fim. A demanda neoliberal, com suntuosas propagandas e coloridos anúncios, serve como incentivo ao consumo, banalizando a vida e o esforço das progenitoras, tornando a gratidão um artigo de mercado. Trazer presentes e os próprios filhos – afinal, qual mãe não gostaria de cuidar dos netos/as? –, tirar fotografias, escrever mensagens bonitas, publicizar sorrisos em mídias sociais. Um almoço no domingo. E só. De fato, o maternar está muito além da capacidade criativa, ética e cognitiva de qualquer publicitário homem, de meia idade, de classe média, *goodvibes* ou não. Ora, uma mãe presente (e um pai também, diga-se) se faz naqueles momentos em que ninguém vê, em que todos fecham os olhos... Menos a mãe, claro. Porque precisa saber se o/a filho/a está respirando, se está dormindo bem, está coberto/a... Ninguém cuida das dores de ouvido na madrugada, ninguém escuta o/a filho/a gemer de frio ou suar de calor durante as febres... senão a mãe. A ação de maternar é exaustiva, drena todas as nossas energias e tempo, ininterruptamente. Mas, a mulher (em toda a extensão de sua pluralidade, em sua diversidade), a mãe, ainda não é reconhecida como pessoa plena de direitos. Em uma sociedade machista, racista e patriarcal, são os homens – notadamente brancos, velhos e ricos – aqueles que com suas leis pretendem reger o corpo feminino, permitindo e/ou interditando o que – sob o critério masculino unicamente – é interessante ou não à mulher. Como o aborto.

A origem da palavra maternidade é latina, “matter”. Está presente também nos primitivos idiomas indo-europeus, “mater”. Ambas as expressões provavelmente derivam do som imitativo da fala infantil. Assim, an-

tes de qualquer definição dicionarizada, maternar é ato; ação verbal em primeira pessoa, é atitude e disposição. Pois, implícita ou abertamente, denota cuidado. Ser mãe frente a demandas de uma sociedade neoliberal, e contra seus deuses homens, é também batalha e coragem. Não que a maternidade não tenha momentos bons e/ou prazerosos. Estaria sendo leviana se negasse isso. Adoro ouvir ou ver minhas crias tornando-se cada vez mais independentes, trilhando caminhos novos, aprendendo e valorizando suas próprias conquistas. Meus filhos são muito distintos entre si, mas o cuidado permanece. A preocupação. É um misto de ansiedade, expectativa e alegria que vale a pena quando escuto suas vozes ou vejo seus sorrisos. Porque a vitória das/os filhas/os é ainda mais vibrante e gloriosa que as nossas.

Mas, normalmente, não temos escolhas. A maternidade muitas vezes limita quando não anula inteiramente nossa rede de apoio, mesmo entre outras mulheres. Já faz pouco mais de 12 anos que tento inicialmente compreender para então conseguir traduzir, descrever a experiência não apenas da reprodução senão do ser mãe. Existe uma complexidade, um desencontro de emoções, sentimentos tão enormes quanto assustadores. Nestas últimas semanas, pedi para algumas amigas um relato breve do que ‘maternar’ significava para cada uma delas. Para além das particularidades de suas vidas, como a profissão e o convívio com o/a companheiro/a, a principal queixa era o cansaço. Uma fadiga que se aproxima do desespero, pela abnegação e anulação de si. O medo de vacilar, o esgotamento físico, mental e emocional, levando-nos a todo momento ao limite. E pasmem! Não existe folga. Em um dos relatos, uma mãe dizia que “Minha mãe aceitou cuidar da minha fil-



Ariadne Marinho

Historiadora, pesquisadora e mãe de Dionísio e Tom. Cuidadora da gata-idosa Cavalo de Fogo e da jovem cachorrinha Frau Karamello. Doutora em História pela UFMT.

dinhaamm@hotmail.com

ha para que eu pudesse sair com meu marido. Pouco tempo depois, ela ligou e disse que estava com sono, que a filha era minha e que eu devia ir cuidar dela". Tornar-se mãe é como abandonar-se à própria sorte. Somos punidas pelo mercado de trabalho, pela sociedade e por nossos familiares. Daí que devemos parar de romantizar a ideia de que mãe é uma entidade incansável, que merece ser celebrada apenas em um domingo de maio. Mesmo em seu cansaço, mesmo quando pensa em fugir ou quando prepara a fuga, está pensando em seus/as filhos/as e como carregá-los/as. Em seu pensamento lateja uma frase-sentença: o/a filho/a é seu/sua.

"Quem pariu que balance o berço", foi o que minha mãe me disse há treze anos...

E outras mulheres partilham dessa mesma acusação, que também é uma forma de abandono.

"A gravidez é pé na cova. O parto é pé na cova. Eu estava com barrigão e então me disseram isso... porque quando se vai parir, não se sabe se vai viver ou vai morrer... Na época fiquei com raiva, mas hoje eu sei que é bem isso... de fato, fui para aquela sala de parto e foi uma tensão total. Eu era jovem. Tive meu filho em hospital público e em hospital público não se tem muitos cuidados... Eu estava só no hospital... Meu marido tinha ido embora, minha mãe não tinha chegado. Não tinha ninguém comigo ali... era só eu e aquela equipe. Entrei no quarto e vi uma mulher que estava tendo parto normal cair no chão, se revirando. E eu rezei, rezava. Eu estava sozinha. Lembro que a médica disse que o corte da cesárea não era suficiente para tirar meu filho, que era grande, e então senti me sacudirem para tirar a criança. Meu filho foi direto pra a UTI e eu fiquei quase 24 horas no pós-operatório. Não consegui amamentar meu filho".

"Nós nos mudamos de cidade. Meu marido conseguiu um bom emprego. Então fomos. Tínhamos duas crianças pequenas, de um e dois anos. O mais novo tinha muita alergia do leite, ficava muito doente, chorava toda madrugada, a madrugada toda, e o choro acordava meu outro filho. E meu marido na época... nunca ajudou... Não se levantava para ver ou ajudar... ficava irritado. Ele recebia bem, mas gastava tudo na rua, com outras mulheres. E dentro de casa, meus filhos e eu passávamos muita necessidade... Nós não tínhamos geladeira, às vezes não tínhamos o que comer... e o mais novo sofrendo com a alergia... Então, eu liguei para o meu pai, que morava em outro estado, e pedi ajuda... pedi socorro... eu queria ajuda, porque estávamos passando necessidade... estávamos sofrendo... E meu pai desconfiou de mim... Não acreditou no que eu disse... achou que na história era eu quem não prestava... Eu fiquei encurralada, sozinha. Não podia contar com meus pais, não podia contar com meu marido. Não tinha para onde ir. Estava sozinha com meus filhos, dois filhos pequenos. E fui obrigada a viver e a me submeter àquela situação. [...] Não sei se conseguiria ter outro casamento hoje. Minha experiência não foi boa. Eu nunca tive ajuda para cuidar dos meus filhos... sempre fiz tudo sozinha... quando nos separamos, também nunca recebi pensão...".

"A sensação é de que não há ninguém que possa dividir essa tarefa comigo".

"É pesado ser mãe. Minha vida mudou completamente. Eu sinto um fardo ser mãe. Por dois motivos: ser a responsável pela formação do caráter da minha filha. Fico sempre me questionando se estou fazendo tudo correto, sinto-me culpada o tempo todo, quero ser uma boa mãe, mas não sei se sou uma boa mãe... se estou causando traumas na minha filha. E também por perder minha liberdade... eu amo minha liberdade. E, claro, amo minha filha. Mas também gostaria de ter minha liberdade. E sempre pesa

mais para a mãe. O pai da minha filha faz tudo o que quer. Os dias em que ela está lá, ele deixa com a tia. São outras pessoas que cuidam. Não ele. Nada muda. Mas eu precisei parar, precisei mudar a minha vida. Gostaria de não ter que me preocupar com a maternidade. Amo minha filha, mas odeio a maternidade".

"O mais negativo da maternidade é se cobrar ser forte o tempo todo. Você é julgada a tempo integral. A sobrecarga é tão grande que dá vontade de abandonar o barco, só que aí você olha e quem vai remar pelo seu filho a não ser você? E mais uma vez você tem que ser forte...".

"Odeio essa romantização da maternidade. A gente fica com mau cheiro, feia, seio rachado".

"Mudanças drásticas no corpo, cicatrizes que o tempo não apaga. E por mais que os motivos sejam bons, porque os bons momentos existem, o sentimento de tristeza de ver seu corpo deformado é cruel, é assustador. Outra coisa difícil é a anulação da mãe. Acabo me anulando para viver em função de dois seres totalmente dependentes de mim e do pai. Apesar de eu amar muito as crianças, ser mãe é exaustivo pra karalho".

"Maternidade para mim é amar, é desprendimento de ser só eu no mundo. Fracasso é julgar ser nunca suficientemente boa ou aquilo que imaginava ser. Fracasso é ser ruim com eles e violenta - essas são as coisas de que me arrependo. Importante foi descobrir que o amor conserta tudo, e que é sempre tempo de consertar. Punida pelo mercado? De trabalho? Acho que não porque minha profissão sempre me permitiu estar uma parte do dia com eles e me dedicar ao lar. Eu sempre gostei de estar em casa. Pela sociedade, sim, sempre, a começar pela minha mãe que era contra a adoção, e a co-

brança de achar que eu não era tão boa por ser mãe adotiva. De onde vem isso se não é da sociedade? Mas hoje me sinto bem resolvida com isso".

"Como confiar em alguém para cuidar? E se essa pessoa jogar na sua cara um dia? Como levar para a escola se eu entro antes das sete horas no serviço?"

"acalanto. Significado de Acalanto.

Substantivo masculino. Ação de acalantar, de embalar, de cantar baixinho para uma criança, para que ela adormeça. [Música] Canção que se baseia nas cantigas de ninar. [Música] Quaisquer canções de ninar, de fazer adormecer"².

Esta crônica é uma reflexão acerca da experiência feminina a partir de dois verbos, quais sejam, o acalantar e o *amaternar*³, que por sua vez deriva da junção do verbo "amar" e do substantivo feminino "maternidade". E nada mais maternal, feminino e feminista que o acalantar⁴. Aquela atenção carinhosa da mãe, da amiga, daquela que de fato cuida e se preocupa com aquela/e que chora, que sofre. Seja a criança, seja a/o idosa/o. Durante a maternidade, o acalanto se expressa no *amaternar*. O cuidado cotidiano da mãe para com suas crias, mesmo julgada e subjugada, mesmo com a persistente sensação de aprisionamento, de solidão. Ainda assim são capazes de amar, de expressar o amor, de viver não por si. Por isso, selecionamos e apresentamos aqui alguns depoimentos de mães e mulheres recebidos nos últimos meses, que traduzem a vivência íntima de cada uma.

[2] Retirado de <https://www.dicio.com.br/acalanto/>. Consulta em 05/07/2022.

[3] Ana Carolina Coelho <https://claudia.abril.com.br/?s=Amaternar&orderby=date>. Consulta em 05/07/2022.

[4] Referência: DINIZ, Débora e GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.